

Vidas do Fora

RESERVA TÉCNICA
Editora G. ERGS



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO RIO
GRANDE DO SUL

Reitor

Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor e Pró-Reitor
de Coordenação Acadêmica
Rui Vicente Oppermann

EDITORA DA UFRGS

Diretora

Sara Viola Rodrigues

Conselho Editorial

Alexandre Santos

Ana Lígia Lia de Paula Ramos

Carlos Alberto Steil

Cornelia Eckert

Maria do Rocio Fontoura Teixeira

Rejane Maria Ribeiro Teixeira

Rosa Nívea Pedroso

Sergio Schneider

Susana Cardoso

Tania Mara Galli Fonseca

Valéria N. Oliveira Monaretto

Sara Viola Rodrigues, presidente

adriana da silva thoma
ana carolina da costa fonseca
andré pietsch lima
andrêa vieira zanella
andresa thomazoni
barbara elisabeth neubarth
benito bisso schmidt
bianca sordi stock
blanca luz brites
débora de Moraes coelho
elida starosta tessler
eugénia vilela
helenaraújo rodrigues kanaan
júlia dutra de carvalho
juliane tagliari farina
kátia maria kasper
larisa da veiga vieira bandeira
leonardo martins costa garavelo
luciano bedin da costa (org.)
luis artur costa
mara evanisa weinreb
marisa lopes da rocha
mayra martins redin
nara lúcia giroto
oswaldo giacoia junior
patrícia kirst
paulo fernando monteiro ferraz
regina basso zanon
regina longaray jaeger
sandra mara corazza
sara hartmann
simone mainieri paulon
tania mara galli fonseca (org.)
vera lúcia inácio de souza
vilene moehlecke
vitor butkus de aguiar
viviane trindade borges

Vidas do Fora

habitantes do silêncio

© dos autores.
1ª edição: 2010

Direitos reservados desta edição:
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Capa: Carla M. Luzzatto

Ilustração da capa: Frontino Vieira. *Acervo da Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro.*

Revisão: Gabriela Koza

Editoração eletrônica: Daniel Ferreira da Silva

A grafia desta obra foi atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 1º de janeiro de 2009.

V649 Vidas do fora: habitantes do silêncio / Adriana da Silva Thoma ... [et al.] ; organizado por Luciano Bedin da Costa e Tania Mara Galli Fonseca. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.
381 p.: il. ; 14x21cm

Prefácio de Andréa Vieira Zanella.

Inclui ilustrações e fotografias.

Inclui referências bibliográficas.

1. Psicologia social. 2. Psicologia – Método Biografemático. 3. Potencial criativo – Internados psiquiátricos. 4. Pacientes psiquiátricos – Vida e Obra. 5. Oficina de criatividade – Hospital Psiquiátrico - Porto Alegre, RS. 6. Saúde mental – Políticas públicas. I. Thoma, Adriana da Silva. II. Costa, Luciano Bedin da. III. Fonseca, Tania Mara Galli.

CDU 159.954.4-056.34

CIP-Brasil. Dados Internacionais de Catalogação na Publicação.
(Jaqueline Trombin – Bibliotecária responsável CRB10/979)
ISBN 978-85-386-0087-9

W² do registro: 3896

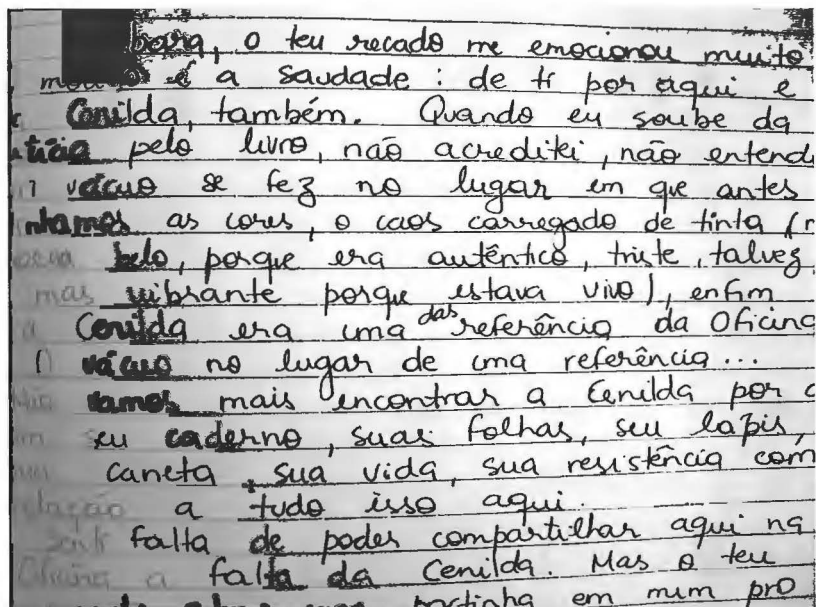
W² da obra: 1178

Data: 10/01/2010

Réquiem para uma vida

SARA HARTMANN

TANIA MARA GALLI FONSECA



...ora, o teu recado me emocionou muito
... é a saudade: de ti por aqui e
Cenilda, também. Quando eu soube da
... pelo livro, não acreditei, não entendi
... se fez no lugar em que antes
... as cores, o caos carregado de tinta (r
... belo, porque era autêntico, triste, talvez,
... mas vibrante porque estava vivo), enfim
Cenilda era uma ^{das} referências da Oficina
... no lugar de uma referência...
... mais encontrar a Cenilda por c
... su caderno, suas folhas, seu lapis,
... caneta, sua vida, sua resistência com
... a tudo isso aqui.
... falta de poder compartilhar aqui na
... a falta da Cenilda. Mas o teu
... partilha em num pro

Há dez anos, morria Cenilda. O trecho acima, retirado do diário de 18/05/1999 da Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro, em Porto Alegre, carrega a notícia que dava lugar a perguntas. Ela falecia com quarenta e dois anos, e a causa de sua morte não é citada. Junto ao desaparecimento, a presença de Cenilda reverbera, em desenhos organizando-se nas prateleiras, em dias escassos na memória, em palavras debaixo da poeira de diários. Nas horas idas a olhar um traço longo que faz passar vidas infames.

Contar uma vida tal qual um exercício de traçar rosto. Busca movida pelo desejo de dizer o indizível, embebido na paixão que cer-

ta existência movimenta na de quem escreve. Envolve embrenhar-se em pegadas e vestígios, a fim de que certa adequação se opere entre as escritas e os planos da vida.

Neste sentido, uma vida é pensada como compósito de signos soltos, murmúrios de existência extinguida, que é afirmada pelas palavras ao interpelar o mundo por um corpo, que seja *locus* de possibilidades. No lugar de uma biografia completa e de uma história acabada, toma-se alguns pormenores, alguns gostos, fragmentos “cuja distinção e mobilidade poderiam viajar fora de qualquer destino e vir tocar, à maneira dos átomos epicuristas, algum corpo futuro, prometido à mesma dispersão” (Barthes, 2005, p.172). Falar uma vida que insiste como acontecimento.

Cenilda é a mulher pela qual se pergunta. Onde está, o que fala, como desaparece esta vida que deixa vácuo e atrai palavras, esta que desenha corpos estranhos e esquecidos. São homens tornados sujeitos são-pedrinos, internos como ela em uma casa de duração indefinida. Perguntar-se como Cenilda persiste é o que faz escrever e escavar o que tem a dizer sobre nós. Ainda nos dias que seguem à sua morte, registra-se nos diários a hesitação em face a seu não retorno.

A olhar por sobre ela, as folhas de suas cores, umas sobre as outras. São mais de 1.500 desenhos e escritos que Cenilda produziu durante os anos de internamento, não se sabe quantos. Um ponto de expressão de superfícies desde o hospital psiquiátrico, dando testemunho de seu povoamento por coisa viva e pela fraqueza, pelas ranhuras e as palavras procuradas. Cenilda como uma espécie de vida desequilibrada no fio de uma faca.



Seus cadernos, folhas e lápis são objetos que se mostram como bússolas invocadas pelo olhar de outros. Rastros se encontram sempre pelo meio dos diários, os quais contam das presenças amalgamadas na máquina de uma Oficina. É preciso fazer chover em nosso olhar para que brotem, dos extensos registros, alguns traços de memória, cartografias de espaços habitados, vislumbres de paisagens humanas que nos chegam como quase-ficções.

Pousamos no olhar oblíquo de Cenilda atravessando o ambiente, num súbito instante, a apreender e escapar às inspeções. Esquiva, ela não confia nos viventes. Sua ferida a fez distância quando queria proximidade, a fez fúria quando queria amparo, a fez desarrazoada quando diversa. Cenilda espreira a suspeita do mundo, vive a aflitiva de uma vida extraviada e fora dos cadernos. Sistemáticamente preenche de cores, figuras e palavras todo o branco das páginas já impressas. Escreve nos cantinhos e margens livres, fazendo-se resistência e ocupante da infâmia que a abateu.

Pode-se imaginar seus olhos maculados de vermelho. Por eles, faíscas de uma vida passam. Algo a incita a expressar-se em combinações de palavras desconexas e em desenhos de personagens. Sua produção estende a linha do acontecimento psiquiátrico em que sua vida se encontra mergulhada, erigindo-a como uma leitora do cotidiano que lhe acontece, relatora de imagens e de cenas da prisão que a tomou e que, volta e meia, sai a passeio reportando-se a outros cenários paralelos que a povoam. Também nós, ao lê-la e olhá-la, somos tomados por este vermelho-sangue, tornamo-nos juntos no justo momento em que nos deixamos tocar pela vida em Cenilda que nos atravessa.

Seus desenhos trazem figuras que abrigam vidas minúsculas, de que apenas se tem notícias pelos registros da reclusão hospitalar e de seus reclusos. Vidas cuja aparição é marcada pelo traço inconcluso e deformante, em que braços e pernas alongam-se, sendo, por vezes, múltiplos. Com as linhas refeitas e sobrepostas, as figuras desenhadas são invadidas por mais riscos. Tornam-se registros de tentativas e erros que não puderam ser apagados, restam como sulco de gestos de todos os infundáveis começos desejados, mostram-se como reparação e conserto frente à insuficiência e ao fracasso. Dos pés, saltam inúmeros dedos pelos quais passa o fio de um calçado que, no entanto, não esconde a nudez. A carne-pele sempre escapa à roupa e não deixa colori-la. Faz desenhos de pares de pequenos sapatos à frente de pessoas alinhadas, insígnias policiais e uniformes, instrumentos médicos, sofás em que não se descansa, pois se é amarrado. Palavras, imagens e histórias pelas margens.

Encontra-se com esta mulher como quem passa dias e noites insones. Ela nos pega pelas canelas e atravessa as salas resmungando. Joga-nos em um murmúrio incessante. Cenilda é rumor que se distende em traços nos quais buscamos alguma direção, para virmos a cair no canto oposto. Em pedaços, ela levanta e toma ar, margeia com caneta seus homens. Deixa-se na cartolina pelas linhas finas de canetinhas coloridas. Com ela, nossa viagem torna-se vertigem.

Encontrar Cenilda, portanto, é sonhar através de fragmentos. Torná-la viva na Oficina, de postura levemente corcunda, olhos penetrantes debaixo de grossas sobrancelhas. Respira ofegante e se aproxima dos materiais de trabalho. Ali está a folha branca, possível

janela de sua evasão. Ela a preenche de traços verticais, comunica-se com uma direção que se situa acima de suas forças, traços de giz que ganham adendos. Talvez produz um outro corpo para si, envelopa-se e abriga-se numa espécie de *fora* da linguagem medicalizante e normativa. Ali encontra espaços que restam de papéis já preenchidos por outros discursos. Apressa-se em ocupá-los como se quisesse reaver uma terra, antes de um novo ataque de colonizadores.

Seus traços feitos, refeitos e sobrepostos perfuram o papel que se torna como que um coador entre o que lhe salta do fundo do corpo e o efeito expressivo de sua superfície. Refere, lamentosa, que não desenha como gostaria, e seus olhos oblíquos parecem desaparecer. A assimetria entre o traço desejado e seu efeito manifesto faz com que pense estar ficando cega. Descobre, após exames, um problema de visão sem cura que seus murmúrios já antecipavam. Na obstinada força com que empreende sua busca expressiva trava embate com um ideal. Apenas metade de sua face está à mostra em fotos de um arquivo revirado.

Uma música agora se produz na imaginação de sua voz partida. Para nós nunca descoberta.

Na extremidade de sua morte, a abertura de uma região de sentido. A singularidade insubstituível se torna premente. Gruda nas palavras de modo que não escape. A partida revela o impessoal da existência, escapando-lhe e a nós. Momento sobre o qual ninguém se apodera, mas no qual *uma vida* toma lugar.



Ela é então virtualidades, retas para se levar adiante, expandidas em visões do humano. Sua existência que dura, faz como dizem as palavras de Deleuze (2002, p.14): “A vida de tal individualidade se apaga em favor da vida singular imanente a um homem que não tem mais nome, embora ele não se confunda com nenhum outro”. Cenilda uma vida, registros da imanência, texto que flui de uma vida-obra e de uma obra-vida, encarnada para essa e aquela coisa. A pele riscada e riscante.

Uma canção *par toi* já ida, *pour et parmi* Cenilda, que se deixa levar. Seria uma tênue e forte nota tocada estendida, pelo espaço de um corpo que vem nos olhar.

*Como se aninham os dias no risco
estreito de um olho rasgado?
Que linha tênua é a vida
perto
da ponta
do lápis.*

Na escuridão de uma busca, o avesso das coisas iluminadas, pela luz que delas mesmas emana. Tornamo-nos ávidos pelo menor gesto que seu nome provoca nos encontros, a ação que atribuímos a ela mistura prazer e esforço pelo seu rosto. Vida e obra nunca completamente discerníveis, dobradas e irradiadas uma a partir da outra, partindo-se em mil fragmentos, aparecem por aí.

Viva no dia em que diz não e em que aparece sua decisão pela canetinha ao invés do giz. Uma espécie de vir-a-ser menos apagável, o que se dá ao mesmo tempo em que Cenilda desaparece da tentativa de falar. A assunção de um outro suporte para a expressão, para, então, partir para desenhos de corpos delgados e precisos, no trabalho com canetas mais finas.

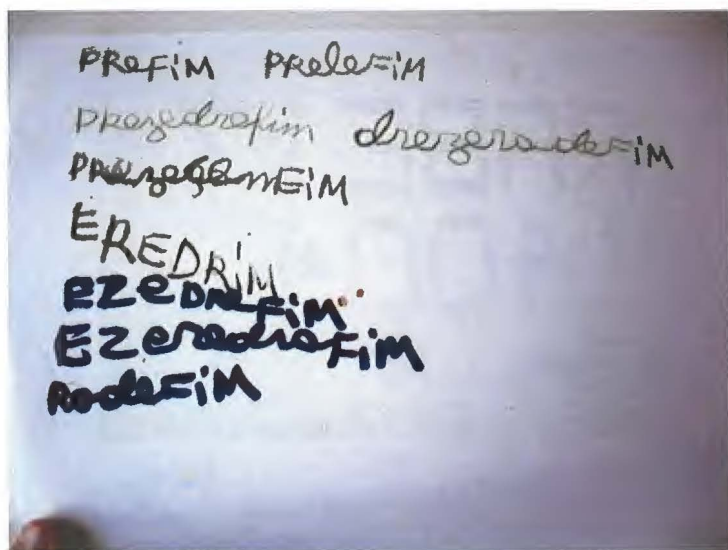
Na procura de registros oficiais de sua existência no hospital, imagina-se a chegada – sob que palavras? –, mas esta Cenilda não está. Os papéis extraviaram-se. Datas e veredas até seus conhecidos, suas bocas e seus ouvidos, apenas se desenham na imaginação e no desejo.

Uma lua está escondida e anda pelos desenhos e palavras, nesse lugar ainda não atualizado, o aqui e agora do qual a escrita traça sempre um mapa (Schérer, 2000). O que está vertendo por

ela, em termos de humano e desumano, fazem de sua existência um simulacro variante. Sentar-se à beira de uma escada antiga, de onde se vê ambulâncias nos arredores dos desenhos. Ser o que observa a pequena rua de uma cidade estranha em seus movimentos resumidos de manicômio. Inscrever olhos ruidosos nas folhas da oficina, nas histórias que escuta no papel com palavras fortes.

Sempre desconfiando do que ela mesma enuncia, escreve uma força que “tá falando, enchergando” (palavras suas), que atravessa as paredes grossas dizendo nomes de corpos hospitalizados, sobrenomes compondo homens novos. Como quando desenha uma caixa com pequena abertura, escrevendo abaixo “era Jose Ribeiro um daquele”. Dirceu, Antonio, Idatino, Adaito, Abema. Diversas portas, algumas chaves.

Entre as palavras e os retratos é desdobrada uma Cenilda e outra vez seu fim, o que não é parar de viver, mas sim derivar. Seu FIM era uma palavra que se misturava a outras, um fragmento que deixava, aos acontecimentos pintados e escritos, as linhas estendidas. Suas leituras medicinais, nos versos de folhas de controle da medicação. Suas palavras gaguejadas, nossas armas em pedaços e à deriva. Cem nomes-estilhaços que um faz girar.



Que Cenilda senão a que se debate e resmunga na luta pela expressão? Que criatura de pensamento, senão aquela que deixa pedaços que levam a pensar seu nome? Linha limítrofe de fazer aparecer o que só fica, assim, com as costas voltadas. Transformando-se dentro da incompletude de uma vida que, como todas as outras, é anedotas, detalhes, instantes.

Dias após a morte, encomenda-se uma missa para Cenilda, em alguma igreja da cidade. Gesto carregado da premência de uma vida que parte, faz partir, torna-se poeira e também referência que restam como legados. Não únicos, uma música recém inicia.



Referências

- BARTHES, Roland. *Sade, Fourier, Loyola*. São Paulo: Martins Fontes; 2005.
- DELEUZE, Gilles. A imanência: uma vida... In: *Educação & Realidade* 27(2):10-18, 2002.
- SCHÉRER, Rene. *Homo tantum*. O impessoal: uma política. Em: Alliez, Eric. *Gilles Deleuze: uma vida filosófica*. São Paulo: Editora 34; 2000.
- VALÉRY, Paul. *Introdução ao método de Leonardo da Vinci*. São Paulo: Editora 34; 1998.
- Imagens de um diário da Oficina de Criatividade e da Coleção Cenilda Ribeiro. Acervo da Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro, Porto Alegre.